

ENTREVISTAS

Luiz Beltrão: a folkcomunicação não é uma comunicação classista

Entrevistadores: José Marques de Melo (USP), Carlos Eduardo Lins da Silva (USP), Rogério Bastos Cadengue (UFRN) e Marta Alves D'Azevedo (UFRS).

Em 1980, Luiz Beltrão veio a São Paulo participar do Congresso da UCBC e lançar o seu livro Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados (Cortez Editora). As atividades do congresso se realizaram em São Bernardo do Campo, tendo como tema central: comunicação e educação popular, e foram sediadas no Instituto Metodista de Ensino Superior. Naquela ocasião, a equipe responsável pelo então Boletim INTERCOM programou uma entrevista sobre a formação intelectual, a produção científica e a obra jornalística de Luiz Beltrão. A entrevista foi realizada pelas seguintes pessoas: José Marques de Melo, Carlos Eduardo Lins da Silva, Rogério Bastos Cadengue e Marta Alves D'Azevedo, tendo sido gravada nos estúdios de rádio do IMS. Lamentavelmente, as fitas gravadas foram extraviadas e não houve oportunidade de sua publicação.

Depois do falecimento de Luiz Beltrão, fato que ocorreu em Brasília no dia 24 de outubro de 1986, a fita da entrevista foi localizada. Feita a transcrição e a edição do texto pelo repórter Dario Luis Borelli, os editores de INTERCOM — Revista Brasileira de Comunicação decidiram publicá-la como homenagem póstuma ao emérito pesquisador que abriu a trilha do estudo científico da comunicação no Brasil. Mesmo incompleto, trata-se de um depoimento fecundo, capaz de proporcionar elementos biográficos e históricos que reconstituirão a trajetória de Luiz Beltrão no ensino e na pesquisa de comunicação, desde os seus tempos como jornalista em Pernambuco até a sua projeção como escritor e acadêmico reconhecido no país e no exterior.

INTERCOM — Prof. Luiz Beltrão, como se deu sua iniciação intelectual? Ela começou no Seminário de Olinda e depois foi continuada na Faculdade de Direito do Recife. Quais as reminiscências que o senhor guarda desse período?

Prof. Luiz Beltrão — Minha formação cultural teve início efetivamente no Seminário de Olinda. Ali comecei a estudar e a escrever. Nessa época de Seminário, eu escrevi num caderno um romance chamado *O Aimoré*. Era uma réplica de *O Guarani*, de José de Alencar.

Saindo do Seminário, eu fui procurar o Colégio Estadual de Pernambuco. Ele não tinha este nome, chamava-se Ginásio Pernambucano. Era famoso por ser uma escola muito avançada em matéria de métodos educacionais. Não era uma escola fechada.

Após frequentar o Ginásio, entrei na escola de Direito. Naquela época não havia muitas opções, apenas três escolas de nível superior em Pernambuco: a escola de Medicina, a de Direito e a de Engenharia. Fora isso aí, não havia mais nada.

Antes de entrar na faculdade houve alguma coisa que influenciou nesta minha formação. Foi a existência, naquela época, dos chamados Centros de Cultura ou Grêmios Literários. Cada cidade tinha o seu Centro de Cultura como hoje quase toda a cidade tem a sua Academia de Letras. Eu fui não somente sócio-fundador como também presidente do chamado Centro de Cultura Humberto de Campos, em Olinda. Este Centro estava naturalmente sob a égide de um jornalista, pois a minha geração foi influenciada por Humberto de Campos como jornalista e cronista. Foi neste Centro de Cultura que eu conheci algumas pessoas que de certo modo se destacaram nas letras brasileiras ou na política. Foi ali que eu conheci, por exemplo, o famoso líder das Ligas Camponesas, Francisco Julião. Ele foi meu companheiro de adolescência e o tenho como amigo até hoje. Ali também conheci Ledo Ivo, poeta e homem de letras. Aquele Centro promovia debates com escritores, havia ali um início de vida literária que me deu um bom interesse pelas letras.

Aí eu entrei para a Faculdade de Direito, que o meu entrevistador bem conhece, pois ali também estudou.

INTERCOM — Que influências a Faculdade de Direito do Recife exerceu na sua maneira de ver o mundo, já que ela sempre se caracterizou por um espírito libertário?

Prof. Luiz Beltrão — A Faculdade de Direito do Recife não eram as aulas. A Faculdade de Direito do Recife não eram os professores. A Faculdade de Direito do Recife, para mim, eram os corredores onde havia os famosos bancos de madeira e ferro que jamais o calouro podia sentar no encosto, só os veteranos. Os veteranos sentavam no encosto e o calouro, onde a gente botava os pés.

Nessa época o país estava vivendo a ditadura do Estado Novo e, por coincidência, na turma havia pessoas que mais tarde se celebrizaram na vida política do país. Por exemplo: Oswaldo Lima Filho, ministro do Trabalho do Jango. E também gente do governo como Paulo Germano de Magalhães, filho do interventor federal em Pernambuco, Agamenon Magalhães. Enfim, era uma turma interessada nos problemas e fazia política possível à época.

INTERCOM — A sua época na Faculdade foi a época de Demócrito de Souza Filho, que se tornaria o mártir da redemocratização em Pernambuco?

Prof. Luiz Beltrão — Não, eu sou um pouco anterior a Demócrito. Quando ele entrou, nós já estávamos saindo. Nós saímos da Faculdade em 1943. Creio que nesta época o Demócrito ainda não tinha entrado. Ele ia entrar em 1944 e morreria no conflito em 1946.

A nossa rebeldia, já que não podia se voltar para uma ditadura tão ferrenha como era a do Estado Novo, ela se voltava contra a política interna da Faculdade. Nós combatíamos o diretório, simplesmente. Esse combate ao diretório representava assim uma projeção ou uma tomada de posição. Praticamente toda a turma era a favor da campanha "O Petróleo é nosso". Então nós íamos pros morros e lá explicávamos para o povo o que era a campanha do petróleo, que nós tínhamos petróleo, que nós deveríamos explorar o nosso petróleo e tal. Isso era uma outra maneira, na época, de combater a ditadura, porque a ditadura evitava de todo o modo a exploração do petróleo.

INTERCOM — Como é que se deu a sua presença no Jornalismo? Como foi o início de sua carreira no Jornalismo?

Prof. Luiz Beltrão — Eu comecei a minha vida profissional no "Diário de Pernambuco", isto é, eu entrei como revisor. Mas dois dias depois de ter entrado como revisor, fui promovido: passei de revisor a arquivista de clichê, que era organizar clichês. Depois de algum tempo, eu passei a tradutor de telegrama. E depois de tradutor de telegrama, para repórter. O que eu consegui no "Diário de Pernambuco" foi chegar a ser repórter. A minha ascensão de revisor para arquivista de clichê está baseada numa reportagem que escrevi sobre qualquer assunto lá que já não me recordo bem. Só sei que entreguei muito solenemente ao diretor como texto de autoria de Luiz Beltrão. E o diretor, depois de passar oito dias com a reportagem nas mãos, ele me devolveu o original cheio de riscos azuis. Eu começava a aprender o estilo jornalístico com um dos grandes mestres da imprensa pernambucana que foi Aníbal Fernandes. Nesse jornal, trabalhavam, entre outros, Gomes Maranhão e Odorico Costa. O Rubem Braga tinha trabalhado e estava saindo quando eu entrei. O curioso é que Rubem Braga dirigia a "Folha do Povo", jornal comunista, e era repórter de polícia dos Associados. Como diretor de jornal comunista, ele combatia o diretor do "Diário de Pernambuco". O Rubem era realmente um homem de grande capacidade, de grande sentimento lírico e tal. Mas é tremendamente combativo quando quer.

A reportagem sobre a qual me referi, depois de entregue pelo diretor do jornal, ela foi por mim reescrita. Depois de uns 15 dias, foi publicada sem o meu nome. A primeira coisa que o indivíduo aprende no Jornalismo é o anonimato, que hoje é pouco explorado, sobretudo na televisão, onde às vezes aparece um mero locutor se passando por jornalista.

INTERCOM — O senhor começou no Jornalismo já sobrevivendo ou o Jornalismo era um mero acessório de sua carreira?

Prof. Luiz Beltrão — Em 15 de dezembro de 1936, eu entrei no Jornalismo. Nessa época, o Jornalismo não era uma profissão, mas um “gancho” como nós o chamávamos. A pessoa tinha um emprego e trabalhava no jornal. Muitas vezes trabalhava no jornal para melhorar o nome no emprego. No meu caso, por exemplo, eu tinha entrado no Instituto de Previdência dos Serviços do Estado de Pernambuco e utilizava de certo modo o jornal — após me firmar mais ali — para fazer um jogo: difundir as coisas do Instituto no jornal que não eram difíceis de serem difundidas, porque aquela época era a época da ditadura do Estado Novo. Então, os jornais publicariam tudo o que saísse de qualquer repartição do governo.

INTERCOM — *O senhor trabalhou muito tempo nos jornais de Pernambuco?*

Prof. Luiz Beltrão — Eu trabalhei mais de 25 anos. Quando eu saí do “Diário de Pernambuco”, fui trabalhar no “Diário da Manhã”, que pertencia ao Agamenon Magalhães. Nesse jornal eu cheguei até a redator-chefe. Só neste jornal eu trabalhei 17 anos. Depois eu trabalhei nas agências noticiosas *France Press* e *Asa Press*. Fui correspondente de agências jornalísticas nacionais e internacionais em Recife.

INTERCOM — *Em algum momento o senhor viveu única e exclusivamente do Jornalismo?*

Prof. Luiz Beltrão — Na minha época não era possível. Não creio que houvesse alguém que vivesse exclusivamente do Jornalismo. Eu pelo menos não conheço.

Um belo dia, o Aníbal Fernandes, diretor do jornal, apareceu na redação com um livro de cor cinza, francês, que se chamava *Como fazer um jornal*. Eu nunca tinha imaginado na minha vida que se pudessem aprender fazer Jornalismo de outro modo senão fazendo o próprio jornal. Este momento marcou demais a minha vida porque daí em diante eu passei a querer organizar uma biblioteca também. Eu comecei a perceber que era preciso estudar Jornalismo para poder fazer Jornalismo. Esse foi o princípio do meu interesse pelo ensino do Jornalismo.

INTERCOM — *Há um aspecto na sua vida que é a sua atuação como líder sindical. O senhor não se limitou apenas ao exercício profissional do Jornalismo, mas se destacou em Pernambuco como líder da categoria. O senhor poderia nos dar algumas informações sobre essa sua passagem pela vida sindical brasileira?*

Prof. Luiz Beltrão — Pois não, vamos a ela. Em Pernambuco não havia Sindicato de Jornalistas Profissionais. Havia uma Associação de Imprensa que reunia patrões e empregados como todas as outras Associações de Imprensa do Brasil. Eu me filiei à Associação de Imprensa de Pernambuco e no ano de 1951 fui eleito presidente em três mandatos consecutivos. Se não me engano foram nos anos de 1951, 1953 e 1955. O mandato era bienal. Neste ínterim nós fomentamos a criação, dentro da própria Associação, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais. Criado o Sindicato e eleita a sua primeira diretoria, fui indicado representante junto ao Conselho da Federa-

ção Nacional de Jornalistas. Então eu fui participar de uma eleição no Rio de Janeiro e chegando lá fui surpreendido com a notícia de que estava eleito presidente da Federação Nacional de Jornalistas. Saía da presidência da Federação o caro amigo Freitas Nobre. Só que eu não podia ser presidente porque havia me comprometido com um candidato de Belo Horizonte, Marcelo Tavares, que depois assumiu o cargo. Eu me recusei terminantemente, devido ao fato de ter recebido uma delegação do Sindicato. Então eu teria que votar nele.

Durante esse tempo eu militei muito em congressos jornalísticos e congressos promovidos pela União Brasileira de Escritores. Em 1950 eu tinha estreado nas letras com a publicação do meu romance chamado *Os Senhores do Mundo*. Nesta época eu era repórter, não policial, mas de informações gerais. Eu convivia muito com o povo das chamadas classes subalternas e *Os Senhores do Mundo* eram aquelas pessoas que viviam marginalizadas da sociedade e que eram de fato marginais. O livro se ocupa dessas pessoas. O romance regional era o estilo da época. Mais do que regional, local. Foi editado pelo meu jornal em 1950.

INTERCOM — *O senhor declarou que com o livro Como Fazer um Jornal começava a aparecer o estudioso Lutz Beltrão, que encarava o Jornalismo como matéria que evidentemente deveria ser ensinada para os que desajassem se tornar profissionais de imprensa. Mas como surgiu efetivamente o professor Luiz Beltrão ensinando aluno de Jornalismo?*

Prof. Lutz Beltrão — Em 1951, eu participei do 5º Congresso Nacional de Jornalistas, realizado em Curitiba. Eu já estava convencido nesta época de que não somente era possível aprender Jornalismo, como devia se aprender, devia se prestigiar os cursos de Jornalismo e como se devia até não permitir que continuassem jornalistas sem uma formação superior. Nem naquela época, nem hoje, eu acredito na necessidade de formação específica de um indivíduo numa profissão de comunicação. Eu acho que o indivíduo deve ter curso superior, porque na universidade é onde se pesquisa, é onde se faz experiência. Quem ganha Prêmio Nobel no mundo são professores de universidades que fazem experiência dentro da própria universidade. Quer dizer, é necessário existir cursos específicos de formação jornalística, mas mais necessário ainda é a formação universitária do aluno e o jornalista naquela época não tinha essa formação superior.

Então ocorreu que neste Congresso eu apresentei uma tese. Eu me lembro do momento da discussão da tese. Ela caiu nas mãos de um jornalista comunista para ele dar o seu parecer. Então este jornalista puxou a brasa para a sardinha dele, porque eu falava que, na União Soviética, como nos Estados Unidos, na Alemanha e na França, havia cursos de Jornalismo. Eu mostrava que cada país defendia a sua concepção de liberdade de acordo com a formação cultural que tinha. Houve, então, um levante contra a minha tese, ou melhor, não contra a minha tese mas contra o parecer daquele jornalista comunista.

INTERCOM — *E quem era este jornalista?*

Prof. Luiz Beltrão — Olha, sabe que eu não me lembro mais! Era um rapaz da Bahia cujo nome não me recordo. Este rapaz puxou a brasa, dizendo: "Porque na União Soviética e tal..." Aí chegou a tal ponto o tumulto que eu disse à minha mulher: "É uma pena porque tive tanto trabalho para elaborar a tese e agora ela vai passar em brancas nuvens".

INTERCOM — Quer dizer que essa preocupação com os cursos de Jornalismo como subversivos já é muito antiga?

Prof. Luiz Beltrão — Ah, muito antiga, é claro! Essa é a mais antiga delas. Hoje ainda é pior porque eles são mesmo subversivos, quer dizer, eles estão subvertendo porque não devem e nem podem deixar de subverter toda essa idéia de que jornal pode ser feito como era feito no princípio do século.

Então eu fui obrigado a ir à tribuna, onde me perguntaram qual era o meu ideário político e essa coisa toda. Eu vou dizer o seguinte: quando assumi a tribuna para falar, eu ia dizer que aquilo era o parecer do jornalista e que a minha tese era assim, assim... Neste momento o Congresso todo fazia um combate ao atestado que o Ministério do Trabalho exigia chamado "atestado ideológico". Então havia ali um repúdio geral ao "atestado ideológico". E um daqueles mais exaltados virou-se para mim e perguntou assim: "O senhor é comunista?" Eu respondi: "Recuso passar um atestado de ideologia, eu não passo porque este Congresso é contrário a qualquer tipo de atestado ideológico. Agora o senhor lê a minha tese e vê o que é que eu sou, entendeu? Ainda se o senhor me perguntar o que é que eu sou politicamente, vou lhe dizer que quando havia um partido, chamado Social Democrático, eu costumava dizer que era Democrata Social". Isso pra ninguém me confundir com o PSD.

INTERCOM — E hoje?

Prof. Luiz Beltrão — Hoje, como eu quero que ninguém me confunda com os democratas sociais, passei a ser Social Democrata. Eu hoje sou um homem de idéias sociais democráticas, mas não confundir com o antigo PSD e nem com o democrata social como o de hoje, o PDS.

Do ponto de vista político, eu não posso deixar de considerar a profunda injustiça da sociedade atual, que beneficia uns demasiadamente e deixa a grande maioria em situações de penúria intelectual, cultural, social, econômica e moral. É necessário que haja uma abertura socializante. Atenção, é necessário que haja uma abertura socializante, não socialista exatamente, mas socializante, a fim de que essas classes possam participar e ter os benefícios do desenvolvimento. Este é o meu pensamento político não extremado, pois não sou homem de extremos. Não acho que seja a solução. Compartilho da posição daqueles que acreditam que o indivíduo deve ser doutrinado. Por outro lado, acho que deve haver um acesso maior aos meios de comunicação por parte do povo, de todas as camadas de opinião a fim de que se possa debater livremente os temas.

INTERCOM — *Que idéia o senhor tem hoje da liberdade de imprensa e que limites o senhor vê no exercício profissional do Jornalismo para, de um lado, respeitar essa liberdade de imprensa e, do outro, garantir que ela se exerça?*

Prof. Luiz Beltrão — Para mim a liberdade de imprensa deve ser consubstanciada no respeito que o indivíduo deve ter à pessoa humana. Não é o fato da lei dizer que não se deve caluniar, não se deve injuriar, mas não se pode, entende? Então as coisas que ofendem ou quebrem esse respeito representam o limite da liberdade. A liberdade de imprensa se confunde um pouco com a doutrina do amor, quer dizer, eu não posso injuriar, ofender a quem amo. Eu devo respeitar a personalidade do indivíduo com amor. Eu acho perfeitamente possível essa liberdade. Na prática, porém, a imprensa está dominada por grupos econômicos e em outras áreas pelo próprio Estado. Então os limites da liberdade ficam difíceis de serem precisados.

Já se tentou de várias formas a distribuição de jornais impressos a determinadas categorias de trabalhadores para que utilizassem esses jornais. Talvez esse sistema de distribuição de jornais por categorias ou classes não seja realmente democrático, porque uma classe talvez não entenda todos os problemas das outras, pois elas estão sempre em defesa dos seus interesses exclusivamente. Eu penso que não é ainda esse o caminho. Somente através de um estudo, de discussões e de debates de uma teoria e princípios firmados anteriormente, poderemos alcançar melhores resultados. E somente dentro das universidades é possível chegarmos a isso. Por isso é que defendo a universidade. Mas também aí nós vamos entrar na questão da universidade brasileira, tão distanciada do povo. Temos que deselitizar a universidade brasileira e torná-la popular. Não é fácil numa entrevista definir a coisa com muita exatidão.

INTERCOM — *Pernambuco convicto, o senhor deixou o seu Estado pelo Planalto Central. O que motivou esse seu abandono de Olinda?*

Prof. Luiz Beltrão — A luta pela vida. Aliás, não bem a luta pela vida. Eu vou ser mais sincero. Em 1965, tive uma grande oportunidade. A Universidade de Brasília (UnB) sofreu uma crise, pois lá havia um reitor que resolveu, de uma hora pra outra, botar pra fora da Universidade 265 professores de uma só vez. A UnB ficou vazia. Eu dirigia o curso de Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco, quando fui convidado pelo meu amigo e então secretário de Imprensa do governo Castelo Branco, José Vamberto Assunção, para reorganizar a Faculdade de Comunicação de Massa da Universidade de Brasília. Com a seguinte condição: não se falar em comunicação de massa porque era subversivo. Agora, como eu sempre achei que o meu trabalho poderia ser ampliado caso eu estivesse num organismo federal e não num estadual, além de estadual, sectário, pois era católico mesmo, aceitei a minha transferência para Brasília. Lá eu verifiquei que o plano da Faculdade de Comunicação de Massa feito por Pompeu de Souza era realmente muito bom. O que eu tinha que fazer era só tirar o nome e afastar um pouco as coisas que eu não tinha condições de realizar. Por exemplo: o curso de Cinema. Nós não tínhamos condições de continuar

fazendo Cinema lá, pois o número de professores de Cinema no Brasil era muito restrito. Todos eles tinham saído.

Então eu organizei a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, mas isso só foi durante um ano e pouco que funcionou, porque logo tive que sair devido a conflitos com o próprio reitor que havia me convidado. Com isso eu fui ensinar no Centro Universitário de Brasília, lutando sempre pelo estudo da comunicação das classes marginalizadas, ou melhor, dos grupos marginalizados, pois não quero falar em classes.

INTERCOM — Quando o senhor chegou em Brasília, trazia já uma pesquisa que logo recebeu uma forma acadêmica e foi apresentada como tese de Doutorado na UnB. Trata-se de seu estudo sobre folkcomunicação. Que tipo de motivação o levou — sendo um homem Social Democrata, como o senhor já se definiu antes, e um homem que militou sempre na imprensa fazendo não apenas Jornalismo mas também um pouco de relações públicas, na medida em que fazia intermediação com o governo e a imprensa — a se preocupar com os grupos marginalizados da sociedade brasileira?

Prof. Luiz Beltrão — Bom, eu já expliquei que o meu primeiro romance é sobre esse pessoal. Eu realmente me dava com esses grupos. Em segundo lugar, eu sou filho de um funcionário, um dentista e a minha mãe era "artes domésticas", como se dizia na época. Nós nunca fomos esnobes, sabe? Cada um procurava fazer sua vida com muito trabalho.

Eu sempre tive uma forte ligação com o meu grupo, o grupo a que pertencia. Não era proprietário de nada, não era proprietário nem do jornal em que eu servia. Como presidente da Associação de Imprensa de Pernambuco, fiz boas relações entre patrões e empregados. No momento em que os jornalistas precisavam de mim, eu estava lá para defendê-los, porque eu achava que era necessária uma colaboração. Eu sou um Social Democrata e como tal não podia ficar alheio a um problema do trabalhador. Eu convivia nas associações de classes com operários mesmo, com gente das camadas mais apartadas da sociedade, com o indivíduo que jogava futebol e era gráfico de jornal. Eu fui secretário de jornal, trabalhando nas oficinas, paginando o jornal com os gráficos. Muitas vezes comi da feijoada deles em cima da mesa de composição cheia de papel de jornal e a feijoada de feijão misturada com farinha pra gente comer.

Então eu convivia com eles, sentia os seus problemas e isso me levou aos poucos a entender certas linguagens, certos modismos, certas expressões que talvez escapassem a outro desprevenido. O que significa o frevo, por exemplo? O que significa o samba? O que significa uma procissão? E a Capela dos Milagres, onde é depositado os ex-votos? Seria só Deus, religião ou seria também uma dose de desespero e protesto? Isso aí me levou a um estudo mais circunstanciado.

INTERCOM — Eu tenho uma pergunta ambivalente para lhe fazer. A primeira parte está ligada ao método e a segunda às idéias e conclusões. Com a evolução do seu trabalho intelectual hoje, o que é que o senhor reveria quanto ao método de trabalho e quanto às idéias que o senhor formulou?

Prof. Luiz Beltrão — Do ponto de vista do método, a pesquisa social é um campo que uma pessoa como eu não tinha muitas chances de realizá-la ordenadamente. Houve muito empirismo em tudo quanto eu fiz naquela época e talvez ainda haja atualmente. A pesquisa exige hoje um financiamento e é muito mais fácil um camaráda fazer uma pesquisa quando ela é financiada do que quando ele tem que lutar com as suas próprias linhas, ou seja, aproveitar todos os momentos e as oportunidades para colher os dados necessários. Então eu acho que teria tido muito mais possibilidades de desenvolvimento caso recebesse um financiamento e uma formação teórica adequada. Eu acho que isso responde a sua primeira pergunta.

Em relação a sua segunda pergunta, eu diria que houve uma evolução porque quando eu primeiro estudei Jornalismo procurei fazer do estudo do Jornalismo ponto de partida. O que era para mim o Jornalismo? O meu primeiro livro, *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, expressa o meu conhecimento do Jornalismo em profundidade. Com o meu primeiro livro, surgido em 1959, que recebeu o Prêmio Orlando Dantas, e o segundo, *A Imprensa Informativa*, publicado em 1964, e depois *O Jornalismo Interpretativo*, que há dois anos atrás estava saindo a 2ª edição pela Sulina, e agora o *Jornalismo Opinativo*, eu tinha terminado toda uma estrutura teórica e de orientação de Jornalismo. Mas quando eu terminei o primeiro, um fenômeno me apresentou curioso: se o indivíduo é analfabeto, como é que ele se informa? Se ele não vai ao cinema e se ele não tem televisão, como é que ele intercambia opinião?

Dai eu me lembrei dos meus companheiros gráficos, me lembrei de um que era presidente do Lenhador do Recife, clube de frevo, me lembrei da história de Lampião, de Antônio Silvino e de todos os bandoleiros de Pernambuco, eu tinha contato com os coronéis, eu vi por outro lado as multinacionais substituindo os coronéis com a mesma voracidade com que os usineiros substituíram os senhores de engenho na indústria do açúcar. Ai então eu comecei a reconsiderar tudo isso e comecei a apanhar esses dados. Eu ainda estava impressionado com a informação puramente. Ai eu chamei isso de folkcomunicação jornalística.

O interessante é que eu achava que um dos maiores homens do folclore de todos os tempos, Edson Carneiro, era uma espécie de homem maldito. Edson Carneiro foi o único homem que percebeu que o folclore não era estático, o folclore não era uma coisa parada no tempo, mas uma coisa dinâmica. Ai então ele diz que o folclore é dinâmico e tem o seu livro *A Dinâmica do Folclore* que apresenta essa tese aprovada internacionalmente. Este livro teve uma grande influência para mim, pois verifiquei que qualquer manifestação popular estava ligada ao povo, porque o povo não tinha meios, ele utilizava esses meios que lhe davam.

Posteriormente, houve uma modificação. Aconteceu que eu vi que a função da Comunicação não estava tão somente em informar ou orientar, estava também em educar, havia uma função educativa, uma função diversional e havia uma função promocional. Então eu comecei a aprofundar esses estudos e o resultado é que o conceito de folkcomunicação foi ampliado para não dar somente a idéia de que o povo utiliza a folkcomunicação para trocar notícias, mas sim para se educar. Dizer o que ele quer dizer, se promover e en-

treter-se também, divertir-se do mesmo modo que nós usamos o sistema estabelecido, o qual chamei de comunicação social para fazer uma diferenciação da comunicação folclórica.

INTERCOM — Onde é que estão os limites entre o folclore e a folkcomunicação?

Prof. Luiz Beltrão — Olha, eu costumo dizer que quando o indivíduo me chama de folclorista, eu digo não, sou um aproveitador do folclorista. Na verdade, eu não sou um folclorista, mas um homem que aproveita a pesquisa feita pelo folclorista.

O folclore é uma manifestação da sabedoria do povo, quer dizer, o povo faz o folclore. Na folkcomunicação o que a gente procura é a mensagem real, atual, escondida naquela manifestação antiquada. É preciso analisar isso em profundidade, não ficar nas aparências. Vou dar um pequeno exemplo: se você aprecia a dança do frevo, você levanta a sua história e descobre que é uma dança que nasceu da capoeira. Capoeira é um jogo violento. A dança do frevo é violenta. Então você diz o povo está brincando carnaval, mas fervendo. O frevo vem de fervendo. Está brincando carnaval mas também está transmitindo uma mensagem. Essa mensagem, por sua vez, não é uma mensagem pacífica, não é uma mensagem do brasileiro bonzinho, é uma mensagem do bravo, do valente que safa lutando capoeira, às vezes com a navalha e a peixeira para defender as suas reivindicações. E então se você ficar somente na interpretação semiológica de um passo de dança, você ficou na metade do caminho. Agora se você tiver coragem e avançar mais, vai colher outros dados. Faça, por exemplo, uma espécie de folkcomunicação comparada. Compare a dança do frevo com a dança das turbas francesas em torno da guilhotina enquanto as cabeças dos nobres caíam. Você vai ver que o brasileiro não é tão bonzinho e tão pacífico como se fala e talvez não seja tão paciente como se pensa. Pelo menos dois nunca foram muito pacientes: os gaúchos e os pernambucanos.

INTERCOM — Com relação às suas idéias, que aspecto o senhor considera ainda pouco trabalhado? Para onde é que o senhor vai em termos de pesquisa e o que lhe parece mais necessário ainda de ser elaborado?

Prof. Luiz Beltrão — Olha, eu ando muito preocupado com a folkcomunicação. Eu costumo dizer sempre que o meu trabalho tem sido todo abrindo picadas para que outros aqueçam o caminho. Eu, por exemplo, preciso de muito mais elementos para uma teoria da folkcomunicação. Aliás, eu acho que nós estamos precisando de muito mais elementos para uma teoria da própria comunicação, que ainda não tem os elementos suficientes para isso. Mas da folkcomunicação precisamos realmente de muito mais estudos. No livro que eu vou editar agora, delinheio os elementos teóricos e em seguida passo a mostrar certos caminhos. Este livro ainda não me satisfaz em certas coisas. Por exemplo: às vezes me vem a idéia de que a pessoa pode confundir a folkcomunicação com uma comunicação classista. Mas ela não é exatamente uma comunicação classista.

Neste livro eu estudei alguns grupos que utilizam a folkcomunicação, isto é, meios não-formais de comunicação ligados direta ou indiretamente ao folclore. Então eu vi que alguns desses grupos têm capacidade de integração na sociedade, apenas não concordam com essa sociedade. Os grupos a que me refiro são os culturalmente marginalizados, contestam a cultura dominante. Eles contestam, por exemplo, as crenças dominantes na sociedade e as religiões estabelecidas. O grupo erótico-pornográfico não aceita, por exemplo, a moral dominante.